

15 de dezembro de 1895, trazendo data de 1893; fizemos questão de reproduzi-lo (como já o fizéramos em nosso trabalho "Lívio Barreto e o Simbolismo no Ceará", introdução à 2.^a edição do livro do poeta) pela estranha beleza e notável musicalidade de seus versos, em que se associam hendecassílabos iâmbico anapésticos e octossílabos; não somente de seu ritmo, como também da repetição da apóstrofe "Oh, lua de Junho", em cada terceiro verso, provém grande parte de sua magia encantatória e de sua atmosfera de puro Simbolismo; ainda aqui podemos lembrar a influência de Antônio Nobre, visto o hendecassílabo iâmbico-anapéstico, muito usado por ele, ter sido geralmente, no Brasil, desprezado pelos simbolistas, em favor do trocaico. Lívio Barreto, não obstante haver-nos deixado apenas um livro, avulta como uma das expressões maiores da poesia cearense no século passado ou mesmo em todos os tempos: observe-se que, apesar das irregularidades próprias da escola, o poeta não professava um pessimismo decadentista, antes preferindo expandir-se numa leve tristeza de acentos românticos.

OUTROS NOMES

Poderemos ainda mencionar, entre os nossos cultores do Símbolo, o poeta CUNHA MENDES, cedo transferido para São Paulo, assim como TIBÚRCIO DE FREITAS e CABRAL DE ALENCAR, ambos da Padaria Espiritual e posteriormente freqüentadores das rodas simbolistas do Rio de Janeiro.

VÁRIAS TENDÊNCIAS

Aqui se reúnem os diferentes aspectos assumidos pela nossa poesia, por volta dos fins do século XIX e inícios do século XX. Alguns autores apresentam notas regionalistas, através de certo descritivismo quase impessoal, mas continuam vez por outra rendendo tributo à sentimentalidade romântica. Outros oscilam de um regionalismo tipicamente romântico para o seguro prenúncio do Parnasianismo. Outros ainda pra-

ticam uma espécie de Romantismo de forma algo esmerada para os cânones da escola, mas ainda bem distante do que deveria ser a perfeição formal parnasiana. Há ainda os que simplesmente repetem o puro Romantismo, retardatariamente, embora com notas pessoais. Nem se esqueçam aqueles que não desdenharam a influência do Simbolismo, para não falar dos de mais difícil classificação. O caso mais desconcertante, porém, é o de José Albano, com sua dicção puramente clássica em pleno século vinte...

TEMÍSTOCLES MACHADO

Nasceu em Limoeiro no dia 25 de agosto de 1874, e faleceu em Senador Pompeu, no dia 5 de agosto de 1921. Participou da Padaria Espiritual e do Centro Literário, na qualidade de fundador, como vimos. Exerceu o jornalismo no Rio de Janeiro e no Amazonas, onde também militou na advocacia. Além do "nome de guerra" padeiro, *Túlio Guanabara*, usou os pseudônimos de *João da Ega*, *Alfredo César*, *Padre Teobaldo* e outros, geralmente assinando sátiras. Publicou. *Mirtos* (1897), com prefácio de Valentim Magalhães; *A Fileteida* (1898), assinando-se João da Ega; *A Esmola* (1900), *O Maldito* (1901), *Pela República* (1902), prosa e verso, *Invocação de Vítima* (1904), deixando inacabado um romance e um livro de biografias.

BORRASCA

*Fora, torcendo as árvores, gargalha
A tempestade em rugidora festa;
Como o rude estridor de uma batalha,
Ruge o trovão nas comas da floresta.*

*A treva desenrola-se funesta
Nos ermos, como lúgubre mortalha;
A luz relampejante as flores cresta
E o vento as grandes árvores esgalha.*

*Aterradora, indômita, selvagem,
Tudo arrasta na hórrida passagem
A potência ciclópica dos ventos.*

*E eu, triste e só, pergunto à noite escura:
Será maior que a minha desventura
A fúria colossal dos elementos?*

IRONIA DAS FLORES

I

*Foi na deserta e flórida avenida,
De um sol de Maio rútilo doirada,
Que me disseste o adeus da despedida
Convulsamente em lágrimas banhada.*

*Repetias chorando em voz magoadas
"Hei de amar-te por toda a minha vida".
Tinhas sobre o meu peito a delicada
Fronte, n'esse desânimo, pendida.*

*Os passarinhos pelos arvoredos,
Ouvindo as doces notas que soltavas,
Souberam nossos íntimos segredos.*

*As brisas pelas árvores gemiam...
E na alameda, enquanto tu choravas,
Como eterno contraste as flores riam.*

II

*Depois de larga ausência dolorosa,
Através de desertos e de espinhos,
Volvi à terra onde deixei-te ansiosa,
Oh! visão dos meus íntimos carinhos!*

*Pela triste avenida silenciosa
Cantavam tristemente os passarinhos
Aquela endecha trêmula e queixosa
Que tu, leviana, confiaste aos ninhos.*

*Rindo, a outro dizias, no entretanto,
Essa história de amor, hoje desfeita,
Que juraste a meus pés banhada em pranto.*

*As brisas pelas árvores cantavam...
Enquanto tu sorrias satisfeita
Como que as flores nos vergéis choravam.*

Consolatio Miseris...

*Eu escrevo versos para os desgraçados,
Falando aos corações dos infelizes,
Pelas garras do tédio lacerados,
Sangrando como rubras cicatrizes.*

*Talvez no leito vil das meretrizes,
Na masmorra onde gemem condenados,
Possam cortar as sôfregas raízes
De cancerosos tédios ignorados.*

*Eu canto para alívio dos que choram,
Para os que, como eu, de joelho, imploram
Na treva a luz bendita de um carinho.*

*Canto para espancar as mágoas; canto
Para enxugar ao som do verso o pranto
Que vejo derramado em meu caminho!*

(Temístocles Machado. *Mirtos*. Fortaleza, Tip. Universal, 1897, pp. 13; 14-5; 12.)

Os poemas aqui reproduzidos são do primeiro e principal livro do poeta, prefaciado por Valentim Magalhães. O

soneto "Borrasca", aproxima-se um pouco da arte de Alberto de Oliveira, mas muito lhe falta ainda para chegar ao puro labor parnasiano no sentido francês: começa com acentos descritivos, que dominam os quartetos e o primeiro terceto; no final, porém, o descritivismo cede lugar ao sentimento do poeta, até então ausente do quadro apresentado. Os dois sonetos que compõem a "Ironia das Flores", por sua vez, traduzem clima romântico que podemos ver a partir do próprio tema ou de alguns aspectos formais, como, no v. 3.^o do soneto II, a colocação do clítico ainda assim, lembra de certa maneira um autor geralmente incluído nas antologias parnasianas, Artur Azevedo, notadamente pelo soneto "As Estátuas". "Consolatio Miseris", um dos menos desconhecidos poemas de Temístocles Machado, desafia-nos também a uma classificação rígida por oscilar entre várias tendências de seu tempo, com predomínio de notas realistas. Nos *Sonetos Cearenses*, de Hugo Vítor (1938), há uma outra versão desse soneto, com seis versos modificados.

RODRIGUES DE CARVALHO

José RODRIGUES DE CARVALHO — Nasceu na Paraíba, em 18 de dezembro de 1867, falecendo no Recife, em 20 de dezembro de 1935. Veio para o Ceará em 1894, iniciando os estudos de Direito e exercendo as funções de contador do Banco do Ceará. Aqui produziu o melhor de sua obra literária, participando não somente do Centro Literário (de cuja última fase foi a figura de maior destaque, segundo vimos), mas também da Academia Cearense. Cultivando a poesia e o folclore, publicou: *Coração* (1894), *Prismas* (1898), *Poema de Maio* (1901), *Cancioneiro do Norte* (1903), este último uma coletânea literária e folclórica.

OS SEIOS

*Quando a seiva da carne perfumosa
Protubera-se em conchas ofegantes,
Os seios da mulher são como errantes
Aves do céu com bicos cor-de-rosa.*

*Pomos com fibras de cetim, inconhos,
São quando a virgem, na cerúlea estância,
Rompe o casulo lirial da infância,
Para ser Clóris de um pomar de sonhos.*

*Mas, quando, oh! nume de paixão, os mundos
Aos olhos frágeis dos mortais desvendadas,
Cheios de amor, de sedução fecundos...*

*Eles, qual fruto tentador das lendas,
São dois abismos santamente fundos,
Dois assassinos no grilhão das rendas.*

DOIS CEGOS

*Por uma senda de escolhos,
Vêm um cego e um trovador:
— Aquele, cego dos olhos,
E este, cego de amor.*

*Chega o cego. Nos escolhos,
Fica, eterno, o trovador...*

*Mais vê um cego dos olhos
Do que um cego de amor...*

VIÚVA

*Há na ametista roxa das olheiras
Dessa doce e franzina criatura,
Um ocaso de mística doçura,
O vestígio aromal das laranjeiras.*

*Ri — esse riso angelical das freiras
Na alvorada mortiça da clausura...
E, quando mira a célica planura,
Segue, chorando, as nuvens forasteiras.*

*Bela, no entanto... pálida, vestida
De um tecido crivado de martírios
Sob um fundo de aurora anoitecida.*

*Enchendo os olhos do palor dos círios
Vai, bela e triste, sepultada em vida,
Trajando a roxa viuvez dos lírios...*

CORINA

*Corina é a flor da ternura,
De neve e leite, tão pura!...
Espelho em que Deus se vê...
Seu corpo brando e mimoso
Tem o todo melindroso
De uma flor de muçambê.*

*Seus olhos... têm uma história
De tão sagrada memória,
Que não há quem bem relate-a...
Numa açucena embutidos
São dois astros foragidos
De uma extinta via-láctea.*

*Seu cabelo de serrana
É feito de filigrana
Que a noite no espaço veste...
De tanta flor que ela prende
A cabeleira recende
O cheiro da mata agreste.
Pela polpa de seu lábio
É que Deus — o eterno sábio —
Abre o lábio da romã...
Se Corina não sorrisse
Que flor havia que abrisse
O cálix pela manhã?*

(Rodrigues de Carvalho. *Prismas*. Fortaleza, Tip. Universal, 1896, pp. 3, 9, 44; Dolor Barreira. *História da Literatura Cearense*. Fortaleza, Ed. Instituto do Ceará, t. 2, 1951, pp. 49-50.)

Conquanto desconhecido das novas gerações, o soneto "Os Seios" chegou a ter, no Ceará, fama idêntica à de "As Pombas", de Raimundo Correia ou "Os Cisnes", de Júlio Salusse. Tendendo de certa forma para o Romantismo, notadamente pelo vocabulário, alguma lembrança clássica nos vem da alusão a Clóris, deusa Flora entre os gregos; não segue o esquema rimático dos clássicos e românticos, pois não rimam os quartetos entre si, embora os tercetos sejam dispostos em CDC DCD. No poema seguinte, "Dois Cegos", temos quase outro poeta: um miniaturista conceituoso, sem a emoção erótica do primeiro poema, e enfeixando graciosamente em 8 versos uma história de fundo moral. Em "Viúva", junta-se a um clima romântico a presença do Simbolismo, por meio de conotações místicas sugeridas pelo vocabulário, sobretudo quando fala na "roxa viuvez dos lírios". Afinal, "Corina", fragmento do *Poema de Maio* (1901), apesar de ser o mais recente ainda é mais romântico do que os precedentes: aí se encontra toda a ingenuidade da poesia campesina, não se preocupando o poeta nem mesmo com a colocação dos clíticos, como se observa no v. 9.^o (quem bem relate-a). Por isso mesmo, Dolor Barreira, muito acertadamente, afirmou ser todo o livro "vazado nos moldes do romantismo, cuja inspiração ainda influenciou de modo considerável embora retardariamente, a nossa poesia nos primeiros anos do século".

44.

ÁLVARO MARTINS

ÁLVARO Dias MARTINS — Nasceu no Trairi, em 4 de abril de 1868, e faleceu em Fortaleza, no dia 30 de junho de 1906. Como vimos, foi ele um dos fundadores da Padaria Espiritual, da qual saiu, juntamente com Temístocles Machado, ajudando a criar o Centro Literário. Também foi visto que

ao tempo da criação da Padaria Espiritual era já ele largamente conhecido: no *Libertador*, sob o pseudônimo *Alvarins*, assinava ele as "Curvas e Retas", tendo anteriormente militado no jornalismo carioca, ao lado de figuras como José do Patrocínio. Só começaria a publicar livros ao tempo do Centro Literário: *Os Pescadores da Taíba* (1895), *Capela Milagrosa* (1898), *Agonia Suprema* (1901), *Casa Mal-Assombrada* (1903), *Comemorando o Tricentenário do Ceará* — colaboração com Rodrigues de Carvalho (1903), além de peças teatrais, como *Belecho* (1898), *Lopes Veiga e Companhia* (1898), *Me Ceda...* (1908), etc.

OS PESCADORES DA TAÍBA
(fragmento)

*O mar tem fundos arcanos,
Abismos desconhecidos,
Profundos como os gemidos
Dos desesperos humanos.*

*Por sobre o manto das águas,
Os seios dos nenúfares
Derramam negros pesares
De melancólicas mágoas.*

*A branda espuma que frisa
A onda que se esmaece,
Como que geme!... parece
Um coração que agoniza!*

*Há desalentos fatais
No choro infinito e vago,
Daquele indômito lago
Cheio de lodo e corais.*

*A v̄aga agomando a bruma,
Entre longas litâneas,*

*Tece amargas ironias
Com brancos fios de espuma.*

*E a onda a cantar e a rir
Às vezes desaparece
E surge do abismo... e desce...
E desce... e torna a subir.*

NO ALTO DA SERRA

*Cai a tarde no azul, e o poente, em brasas
Arde. O alto da serra também arde.
E as aves brandas, o cair da tarde,
Passam, ligeiras, arruflando as asas.*

*Porcos vão-se em tropel, sujos de lama,
Nas barrancas do val descem grunhindo,
A cauda hirsuta e curva sacudindo,
Na poeira de luz, que o sol derrama.*

*Caem as sombras nos casais. Ovelhas
Mugem, na solidão. Zumbem abelhas,
Na tristeza outonal do fim do dia.*

*Na quebrada da serra, a luz se alonga,
E ouve-se ao longe o canto da araponga
Como um grito de dor e de agonia.*

CASA MAL-ASSOMBRADA

(fragmento)

*Debaixo do largo alpendre
O povo das vizinhanças,
Mulheres, velhas, crianças,
Promiscuamente agrupados,
Em torno de enormes lotes
De mandioca atulhados*

*No chão,
Parlam, jogando os capotes,
Para alegrar o serão.*

*Sobre uma esteira de junco
Agachado, o ti-Rosário
— Um velhinho octogenário
Que nas caçadas cegou —
Narra, aos meninos, que o cercam,
Velhos casos engraçados
Dos tesouros encantados
Que nas matas encontrou.*

*De quando em vez, a Quinana,
Filha do dono da casa,
Surgindo à porta do outão,
Para animar a função,
Distribui goles de cana
Numa xícara sem asa,
Que voa de mão em mão.*

*Curva ao rodete, encanchada
No banco, ao peito amarrada
A toalha de algodão cru,
Sá-Chica, do João Minhoca,
Canta, e ceva mandioca
Nos dentes do caititu...*

*— Empunhando o largo rodo,
Junto ao forno o Paraíba,
Cabra grosso, espadaúdo,
Nu da cintura pra riba,
Mexe a massa com vigor
Sobre o peito cabeludo
Caem-lhe as bagas de suor...*

*Perto, a Biloca Giralda,
— Gorda e fresca mocetona,
Que tem fogo na patrona,
Como se diz no sertão —
Com a urupemba nos braços
Sacode a massa, peneira,
Vai separando a crueira,
Que rola, esparsa, no chão...*

*Move os quadris opulentos
Nos agitados meneios
Traem-lhe os bicos dos seios
As rendas do cabeção.*

*Malicioso, o preenseiro
Olha-a, sorrindo, de esquelha.
E a moça, muito vermelha,
Que surpreende-lhe o olhar,
Se amua, solta um muxoxo,
Derrama fora do coxo
A massa... e põe-se a ralhar...*

A ARANHA

*Da água no úmido seio, a aranha misteriosa,
Artífice do oceano — ao noturnal palor,
Urde os fios, estende a rede caprichosa,
Leve trama irial, de artístico lavor...*

*E ali, na oscilação da vaga tumultuosa,
Oculto, entre os ramais da flora multicolor,
Prende aos elos, no ardil, da teia luminosa,
Algas, conchas, corais, que vogam em derredor.*

*Calma, às vezes, do abismo a leve face enruga,
Vagarosa arrastando o casco, a tartaruga,
Na doce ondulação do líquido cristal.*

*Passa perto da teia. E a aranha, que não dorme,
Ao vê-la, se contrai; e, abrindo a fauce informe,
Crava-lhe o frio olhar, venéfico e letal!...*

CEARÁ

*Branças praias, alvas dunas,
Onde o mar, rolando, chora...
Coqueiros, onde as graúnas
Cantam, ao nascer da aurora;*

*Branças praias, vós ouvistes
O que alguém jamais ouviu:
De Iracema as queixas tristes
Quando Moreno partiu.*

*Orla da praia querida
Guarda em berço encantador
O sonho de minha vida,
E a vida do meu amor!*

(Álvaro Martins. *Os Pescadores da Taiba*. Fortaleza, Tip. Universal, 1895, pp. 1-2; *A República*, de 19.08.1903; Álvaro Martins. *Casa Mal-Assombrada*. Fortaleza, Tip. Minerva, 1903, pp. 52-4; Dolor Barreira. *História da Literatura Cearense*. Fortaleza, Ed. Instituto do Ceará, t. 2, 1951, pp. 124; 305.)

Álvaro Martins foi um dos mais aplaudidos poetas de seu tempo; mas foi também um dos mais estranhos: poucos escritores têm tido tantos altos e baixos em sua trajetória literária. Transcrevemos alguns de seus melhores poemas em ordem cronológica para mostrar que ele, sim, teve *faces* e não *fases* (como se disse a respeito de Alberto de Oliveira). Lutamos com uma dificuldade: os livros de Alvarins não enfeixam vários poemas, mas cada um constitui um poema só. Valemos-nos entretanto de fragmentos, e de algumas produções que surgiram na imprensa. O primeiro trecho, que é o intróito do

livro de estréia (1895), consta de versos simples, quase românticos que, juntamente com as notas fortemente regionalistas do poema inteiro, não nos parecem prenunciar um parnasiano. Já o soneto "No Alto da Serra" é uma descrição realista; com efeito, estampado pela primeira vez no *Almanaque de Baturité* de 1896, trazia como subtítulo a indicação: *d'après nature*. Reproduzimo-lo tal como foi publicado n' *A República*, em 1903, tendo sofrido algumas alterações formais que não lhe modificaram a essência. Mas, em *Casa Mal-Assombrada*, livro do qual também retiramos um fragmento (1903), volta a dicção do primeiro livro, com acentos de poesia popular, inclusive com o linguajar do povo sertanejo ("Nu da cintura pra riba"). Mas ocorre que, nesse mesmo ano de 1903, vem a público o soneto "A Aranha", vencedor de um concurso literário instituído por uma revista cearense (*Revista Acadêmica*): nesse admirável soneto, observa-se um perfeito exemplar da pura arte parnasiana, pela impassibilidade marmórea e pelo burilamento do verso alexandrino, não obstante a ectlipse do verso 8.^o (vogam em), onde o *m* tem de ser elidido. É clara a influência de Heredia, o grande parnasiano francês, com o soneto "Le Récif de Corail".⁴⁵ Alvaro Martins, com "A Aranha", tornou-se cronologicamente o primeiro parnasiano puro do Ceará. Dir-se-ia que o poeta iria, doravante, seguir a corrente na qual tão seguramente estreara (aliás, Alvarins havia feito, anteriormente, uma tradução do mencionado soneto herediano, mas sem a perfeição alcançada n' "A Aranha"). Isso não ocorreu, entretanto: folheando-se os números d' *A República*, de 1903 a 1905, deparamos com incontáveis poemas, notadamente trovas, de Alvaro Martins, que nada, absolutamente nada lembram do burilador daquele soneto. Em 1904, saíram naquele jornal versos seus desse teor:

*Olhar — íris de bonança,
Sorrir — brando rosicler:
Ai! não sorrias, criança,
Ai! não me fites, mulher!*

O último poema transcrito é de 1905, e foi publicado ainda no mesmo periódico, sob o título de "Praias", tendo sofrido levíssimas correções. Vê-se por ele que o poeta voltou exatamente ao poetar dos primeiros versos reproduzidos aqui; isso, para não falarmos das inúmeras trovas que espalhou pela imprensa nos últimos anos de vida, e às quais já nos referimos de passagem. O principal de sua obra poética situa-se nessa faixa do Romantismo agreste com que escreveu os *Pescadores da Taíba*: pura poesia brasileira, com o sabor das coisas do Ceará. Não haveríamos portanto de incluí-lo entre os parnasianos unicamente pelo soneto "A Aranha", este, porém, revela um ponto de partida.

BONFIM SOBRINHO

José da Silva BONFIM SOBRINHO — Nasceu em Fortaleza, no dia 19 de março de 1875, e faleceu em Belém do Pará, em 22 de junho de 1900. Espalhou suas produções pelos jornais, nunca chegando a reuni-las em volume. Fala-se de vários livros seus, como *Goivos e Rosas*, *Musa Triste e Grinaldas*, mas nenhum desses volumes foi jamais editado. Pertenceu ao Centro Literário, onde aliás já o vimos, entre os fundadores. Dolor Barreira, no segundo volume de sua *História da Literatura Cearense*, reproduz inúmeros dos sonetos de Bonfim Sobrinho.

PECADORA

*Levou-te a morte ao último desterro,
Remota estância azul na eternidade.
Gemeu em funeral minha saudade,
No cortejo final do teu enterro.*

*No cemitério, junto desse aterro,
Que, sobre ti, fizeram sem piedade,
Disse-me alguém que tua mocidade
Fora na vida dissipada em erro.*

*Lembro-me, sim, que, teu caixão fechando,
Vi-te as mãos postas, como se, rezando,
Tivesses fenecido arrependida...*

*E nele, fria, hirta, inteiriçada,
Dormias para sempre, amortalhada,
Sonhavas para sempre, adormecida.*

VISÃO DE ENFERMO

*Da minha febre nos mortais delírios
Apareceste morta no ataúde.
Entre dois tristes, funerários círios,
Vi-te, e conter as lágrimas não pude.*

*Santa Teresa, monja dos martírios,
Esmaecida à flor da juventude,
Eras então — mais alva do que os lírios,
Muda e desfeita pela morte rude.*

*Quando beijei-te a lânguida cabeça,
Recordei, em soluços, branca rosa,
Do nosso amor a última promessa.*

*Nisto, acordei, de súbito chorando:
E, viva, ó ceus, estavas, carinhosa,
Junto ao meu leito pálida, velando...*

NOIVADO FÚNEBRE

*Negra tristeza meu semblante encova,
Ó noiva minha, ó lírio meu fanado!
Por que não vamos na mudez da cova
Em círios celebrar nosso noivado?*

*Nos sete palmos d'esse leito amado,
Ao frio bom de uma volúpia nova,*

*Há de embalar o nosso amor gelado
O coveiro a cantar magoada trova.*

*E os nossos corpos, gélidos, inermes:
Em demorados e famintos beijos,
Serão depois roídos pelos vermes...*

*E do leito final que nos encerra,
Em plantas brotarão nossos desejos,
E o nosso amor, em flores, pela terra.*

(Dolor Barreira. *Op. Cit.*, t. 2, pp. 36; 38; Mário Linhares.
Op. Cit., p. 45.)

Pela mais superficial leitura dos três poemas aqui estampados, verifica-se de pronto a presença avassaladora da morte; apesar de haver escrito algumas redondilhas amorosas, aqui apresentamos a faceta mais característica do poeta, essencialmente elegíaco. Romântico retardatário, podemos porém admitir alguma influência simbolista (ou decadentista, que é sua feição satânica) em sua poesia. O primeiro soneto não parece transbordar do Romantismo, senão pela versificação, que não se prende ao decassílabo sáfico, como era vezo naquela corrente; já o segundo, "Visão de Enfermo", com sua alusão a Santa Tereza, "monja dos martírios", resume atmosfera simbolista (o Simbolismo, não se deve esquecer, foi uma revivescência romântica). Quanto ao "Noivado Fúnebre", seu mais conhecido soneto (figura nos *Sonetos Brasileiros*, de Laudelino Freire), a partir do título traz-nos à memória a célebre balada "Noivado do Sepulcro", do poeta português Soares dos Passos. Entretanto, se no consagrado poema do ultra-romântico lusitano os fantasmas se levantam das tumbas e trocam palavras de amor, no soneto do cearense, pelo menos no final, parece haver menos idealização: os desejos e o amor vão dar origem a plantas e flores, o que poderemos interpretar como uma alusão às próprias leis naturais. Por fim, para que alguém, inadvertidamente,

não faça associação entre os versos do “Noivado Fúnebre” e alguns poemas de Augusto dos Anjos, que tanta influência exerceu entre poetas menores no Brasil inteiro, lembramos que Bonfim Sobrinho morreu doze anos antes de surgir o livro do poeta paraibano.

FERNANDO WEYNE

FERNANDO da Costa WEYNE — Nasceu em S. Fernando (Paraguai), em 3 de setembro de 1868, estando o local sitiado pelas tropas do General Sampaio, e faleceu em Porangaba, em 17 de abril de 1906. Exerceu o jornalismo, fazendo da imprensa a sua arena de combates políticos. De sua bagagem literária, vasta e variada, incluindo contos, poemas e comédias, unicamente chegou a publicar um livro de contos, *Miudinhos* (1895). Reproduzimos seu poema “Loucuras” que, musicado, logrou obter larga popularidade:

LOUCURAS

*Agora que não vejo-te a meu lado
A segredar-me apaixonadas juras,
Busco, às vezes, do nosso amor passado,
Recordar estas íntimas loucuras.*

*Faz muito tempo... eu nem me lembro quanto!
— A vida é longa e o pensamento é vário! —
Tu mostravas-me a rir — que idílio santo! —
A pequenina cruz do teu rosário.*

*E sempre que me vias, recordavas
Do nosso amor a fantasia louca:
Cada vez que a pequena cruz beijavas,
Eu beijava, febril, a tua boca...*

*Mas o tempo passou. Triste, segui
Da minha vida o longo itinerário,*

*E nunca mais, e nunca mais eu vi
A pequenina cruz do teu rosário.*

*Do amor fugiu-me a benfazeja luz!
Não posso mais! . . . errante caminheiro,
Sem Cirineu, tal como o de Jesus,
Verga meu corpo ao peso do madeiro.*

*Já vou trilhando a estrada da amargura!
— Antes, porém, que chegue ao meu Calvário,
Dá-me a beijar, ó santa criatura,
A pequenina cruz do teu rosário.*

*Recorda ainda o nosso amor de outrora!
Vamos lembrar os tempos de criança!
— Se da vida perdi a doce aurora,
Resta em minha alma um raio de esperança:*

*Tu — que és tão boa, que és tão meiga e pura,
Quando eu baixar ao campo funerário,
Virás deitar na minha sepultura.
A pequenina cruz do teu rosário.*

(*Almanaque do Ceará*. Fortaleza, Tipolitografia a Vapor, 1906, p. 187.)

Este poema, escrito em 1897, foi publicado no *Almanaque do Ceará* para 1906, datado daquele ano e com a indicação de inédito. Musicado pelo violonista Roberto Xavier de Castro (sobrinho do X. de Castro dos Cromos), veio a tornar-se uma das canções mais populares nas serenatas, sob o título de “A Pequenina Cruz do Teu Rosário”. Pelo fato de trazer como epígrafe o verso final do soneto “Dulce”, de Castro Alves (*Morrer beijando a cruz do teu rosário*), e ainda pelo verso que se repete ao final de cada estrofe de número par, foi atribuída sua autoria ao Poeta dos Escravos. Com o passar dos anos, os versos foram sendo deturpados. Atravessando

fronteiras, apareceu em 1925 gravada em disco pelo cantor paulista Roque Ricciardi (Paraguassu), com vários versos desfigurados e como de autoria dele, Paraguassu. O musicólogo Almirante e depois Mário Linhares e Edigar de Alencar protestaram contra o fato, que não envolvia plágio, mas simplesmente furto. ⁴⁶ Com a intervenção da família do poeta, foi afinal reconhecida a autoria verdadeira da modinha. Entretanto, depois disso houve regravação, com os nomes dos legítimos autores, mas ainda com os versos adulterados. E, segundo Edigar de Alencar, em 1962, foi editado um álbum de “213 Sucessos Musicais Escolhidos”, onde figura “a inditosa modinha cearense com o nome de Paraguassu como seu autor”. ⁴⁷ Trata-se de poema indiscutivelmente romântico, sem um toque sequer de influência de outra corrente estética; não podemos porém incluir Fernando Weyne entre os românticos, por uma questão de cronologia: ao tempo em que foram compostos os versos de “Loucuras”, já o Realismo dominava nossas letras, na prosa e na poesia, para não aludirmos ao Simbolismo do início dos anos 90. Fernando Weyne, juntamente com Bonfim Sobrinho e outros, deve figurar entre os neo-românticos que versaram paralelamente às várias tendências de que ora tratamos.

QUINTINO CUNHA

José QUINTINO da CUNHA — Nasceu em Itapajé (então Vila de S. Francisco de Uruburetama) em 24 de junho de 1875, e faleceu em Fortaleza, no dia 1.º de junho de 1943. Exerceu a advocacia algum tempo na Amazônia. Era orador dos mais aplaudidos, além de poeta e contista. Como Fernando Weyne, teve poemas que, musicados, se popularizaram largamente, como a “Comunhão da Serra” e o “Encontro das Águas”. Seu nome perdura ainda como o de homem de fino espírito, êmulo de Emílio de Menezes e de Paula Ney, sendo famosos alguns de seus epigramas, bem como inúmeras de suas tiradas facetadas, que constituem as chamadas “anedotas do Quintino” Quintino Cunha, que figurava na lista dos sócios fundadores

do Centro Literário, estreou com um livro de contos. *Diferentes* (1895), ao qual se seguiram, mais tarde, *A Morte do Cabeleira* (1902), elegia, *Pelo Solimões* (1907), seu livro principal, publicado em Paris, quando lá se achava o poeta.

COMUNHÃO DA SERRA

*Ontem, à noite, eu vi a minha Serra,
Como uma virgem, trêmula, contrita,
Recebendo de Deus, d'aqui da terra,
Uma hóstia do Céu, hóstia bendita.*

*Como foi, para vê-la assim? De neves
Era o véu transparente, que a cobria,
Vendo-se aqui e ali negros tons leves,
Do negro que do verde aparecia.*

*Tons negros, talvez restos, que os comparo,
De alguma nuvem torva, esfacelada
Por Deus, que só queria o Céu bem claro,
Porque ia dar a hóstia consagrada!*

*O cafeeiral, que rebentava em flores,
A grinalda na fronte lhe brotava;
E o frio, rebento dos temores,
No seu íntimo, o frio rebentava!*

*Assim a Natureza era o sacrário,
De onde Deus dava a comunhão radiosa
À Serra! E era o Céu o grande hostiário
E era a lua, a hóstia luminosa.*

*E digam que eu não vi a minha Serra,
Como uma virgem, de grinalda e véu,
Recebendo de Deus, d'aqui da terra,
A hóstia luminosa lá do Céu!*

ENCONTRO DAS ÁGUAS

(Rios Negro e Solimões)

*Vê bem, Maria, aqui se cruzam: este
É o Rio Negro, aquele é o Solimões.
Vê bem como este contra aquele investe,
Como as saudades com as recordações.*

*Vê como se separam duas águas,
Que se querem reunir, mas visualmente;
É um coração que quer reunir as mágoas
De um passado, às venturas de um presente.*

*É um simulacro só, que as águas donas
D'esta região não seguem curso adverso,
Todas convergem para o Amazonas,
O real rei dos rios do Universo;*

*Para o velho Amazonas, Soberano
Que, no solo brasílio, tem o Paço;
Para o Amazonas, que nasceu humano,
Porque afinal é filho de um abraço!*

*Olha esta água, que é negra como tinta,
Posta nas mãos, é alva que faz gosto;
Dá por visto o nanquim com que se pinta,
Nos olhos, a paisagem de um desgosto.*

*Aquela outra parece amarelaça,
Muito, no entanto é também limpa, engana;
É direito a virtude quando passa
Pela flexível porta da choupana.*

*Que profundeza extraordinária, imensa,
Que profundeza, mais que desconforme!
Este navio é uma estrela, suspensa
N'este céu d'água, brutalmente enorme.*

*Se estes dois rios fôssemos, Maria,
Todas as vezes que nos encontramos,
Que Amazonas de amor não sairia
De mim, de ti, de nós que nos amamos!!...*

ENTRE NUVENS

*Ameaça chuva. O pássaro na rama
Vem de ocultar-se. Agora permanece
À Sombra do covil. Tudo parece
Triste como a saudade de quem se ama.*

*Enquanto o Céu apenas se recama
De nuvens, não; mas, quando se incandesce
De um relampear profundo, a chuva desce,
Por fina força a chuva se derrama.*

*Em nós outros também o tempestivo
Amor é assim como este quadro vivo,
Que, há pouco, a natureza dominava.*

*Falo por mim, tirando por Maria;
Pois, quando na minh'ama relampeava,
Nos seus olhos tristíssimos chovia!*

NUBLADO

*O Sol quis ver a terra hoje. A invernia
Só uma nuvem formou no firmamento;
Queria vê-la, ao menos um momento,
Mas mesmo esse momento não podia.*

*Porque o sombrio, o torvo, o pardacento
Dessa nuvem ao Sol não permitia
Ver uma flor sequer. Passou-se o dia
Quase que num perfeito enlutamento.*

*Quis ver a terra, mas a tarde veio,
Depois a noite, que o ocultou no meio
Dos seus escuros e tristonhos folhos.*

*Maria, eu sou direito esse sol-posto:
Há dias em que a nuvem de um desgosto
Não quer que eu veja a terra dos teus olhos!...*

SPES UNICA!

*Morto, dentro da fria sepultura,
Sem te poder falar?
E tu que me amas, boa criatura,
Indo me visitar...*

*Banhada de suspiros, de soluços,
Desmaiada, talvez...
Muita vez reclinada, até de bruços,
Na altura dos meus pés;*

*Pedindo a Deus o meu viver eterno
Junto das glórias suas;
Que me livre das penas do inferno...
E a chorar continuas,*

*Lembrando nossa vida, a todo instante,
Repassada de dor...
A lembrar-te que fui o teu amante
— O teu único amor!*

*Mal pensando na horrífica caveira,
Em que me transformei,
Exausto de fadiga, de canseira,
Imaginar não sei...*

*Para evitar essa hora amargurada,
Esse quadro de dor, tão verdadeiro,*

*Deus há de ser servido, minha amada,
Que tu morras primeiro! . . .*

(Quintino Cunha. *Pelo Solimões*. Paris, Livraria Aillaud & Cla., 1907, pp. 9-11; 67-8; Sales Campos. *A Poesia Cearense no Centenário*. Fortaleza, Tip. Moderna, 1922, pp. 217-8; 219; 220; Renato Sólton. *Verve Cearense*. Rio, 1969, pp. 37-8.)

Os quatro primeiros poemas aqui reproduzidos constam do livro principal de Quintino Cunha, *Pelo Solimões*, de 1907: A "Comunhão da Serra", que recebeu melodia de João Quintino (irmão do poeta), chegou a ser modinha popularíssima nas serenatas cearenses; é talvez o mais romântico de todos os seus poemas; contudo, podemos assinalar a dicção pessoal do autor através da originalidade de seu versejar (veja-se, por exemplo, a simplicidade coloquial da derradeira estância, em que o poeta quase conversa com o leitor: *E digam que eu não vi a minha Serra. . .* O "Encontro das Águas", uma de suas mais famosas composições, fez igualmente "sucesso" nas nossas noites de seresta, com melodia de Mamede Cirino: ostenta concepção original, inspirada pela paisagem amazônica: vejam-se as expressões populares, como *é alva que faz gosto, da por visto, é direito. . .* etc. O poeta procurava locuções bem nossas, razão por que mesmo composto, quase todo, de "versos norte-brasileiros" como o subintitulou, seu livro não perde o caráter cearense. Profundamente espontâneo, por isso mesmo às vezes o autor descuida-se no tocante à metrificação, como no v. 3.^o da sétima estrofe, com acentuação irregular. O "Encontro das Águas", assim como os dois sonetos que se lhe seguem, transcrevemo-los não do *Pelo Solimões* mas d' *A Poesia Cearense no Centenário*, organizada por Sales Campos (1922), por haverem sofrido alterações. "Entre Nuvens" e "Nublado" são dois sonetos líricos dos quais não se pode dizer que sejam poemas puramente românticos; mais do que em quaisquer outras produções de Quintino Cunha, aqui pode ser observada a linguagem característica do poeta: em "Entre Nuvens", o elemento coloquial aparece na expressão *por*

fina força e no verso *Falo por mim, tirando por Maria*. Em “Nublado”, surge, como surgiram no “Encontro das Águas”, a locução *sou direito*, com o sentido de *sou igual*. Na maioria dos poemas predominam a comparação; e como estes, muitos outros poemas do *Pelo Solimões*. Por último, como não era lícito desprezar a face mais conhecida de Quintino, transcrevemos um poema que foi ditado pelo autor ao seu parente Renato Sólton.⁴⁸ Composto de seis estrofes, até chegarmos à quinta, e mesmo ao iniciarmos a última, aparece-nos como um poema elegíaco, em que é pesada e trágica a atmosfera, a *boutade* final, entretanto, dá-nos idéia do espírito do poeta, e de seu extraordinário humor, o que, aliás, lhe deu maior renome junto ao povo do que os seus versos líricos que, entretanto, merecem ficar.

PADRE ANTÔNIO TOMÁS

Nasceu em Acaraú, no dia 14 de setembro de 1868, e faleceu em Fortaleza, em 16 de julho de 1941. Ordenando-se sacerdote em 1891 no Seminário da Prainha, exerceu o paróquiato durante mais de trinta anos, tendo sido vigário de Trairi e de Acaraú; em 1924, por motivo de saúde, deixou as atividades paroquiais. Em concurso promovido pela revista *Ceará Ilustrado*, foi eleito em 1925 “Príncipe dos Poetas Cearense”. Publicou inúmeros sonetos nos jornais fortalezenses, mas jamais os reuniu em livro, deixando mesmo um pedido, em seu testamento, para que nunca fossem publicados coletivamente seus versos. Alguns de seus sonetos obtiveram fama nacional.

INVICTUS

*Mensageiros do Arcanjo revoltoso,
Homens descritos — vão em fero bando
Há dezenove séculos tentando
Roubar-te, ó Cristo, o cetro glorioso.*

*Mas sempre forte e sempre poderoso,
Tu vais a todos eles suplantando,
E com o teu suave jugo, doce e brando,
Curva-se o mundo humilde e respeitoso.*

*Tens apesar da guerra a ti movida
Por essas almas fracas e pequenas,
A terra toda ao teu poder jungida.*

*E ainda hoje a um teu gesto apenas
Voltam de novo os Lázaros à vida
E vão beijar-te os pés as Madalenas:*

CONTRASTE

*Quando partimos no verdor dos anos,
Da vida pela estrada florescente,
As esperanças vão conosco à frente,
E vão ficando atrás os desenganos.*

*Rindo e cantando, célebres, ufanos,
Vamos marchando descuidosamente;
Eis que chega a velhice, de repente,
Desfazendo ilusões, matando enganos.*

*Então, nós enxergamos claramente
Como a existência é rápida e falaz,
E vemos que sucede, exatamente,*

*O contrário dos tempos de rapaz:
Os desenganos vão conosco à frente,
E as esperanças vão ficando atrás!*

NO ENTERRO DE UM ANJINHO

*Ei-lo que segue ornado de mil flores,
De manto azul e túnica de neve,*

*A sorrir . . . a sorrir, porque tão breve
Fugiu da vida sem provar-lhe as dores!*

*Vão-no levando à cova . . . Os portadores
Do brando esquife, pequenino e leve,
São crianças também, que não se deve
Deixar um anjo em mão de pecadores.*

*Do funéreo cortejo me avizinho
E das crianças vou seguindo os passos
A cismar . . . a cismar pelo caminho.*

*E no caixão pendente dos seus braços,
Julgo estar vendo, não o loiro anjinho,
Mas, uma alma de mãe feita em pedaços.*

EVA

*Cantam-lhe n'alma ainda as sedutoras
Finais palavras do inimigo astuto:
— “Se o houveras provado um só minuto,
“Deusa, decerto, e não mulher, tu foras.”*

*E desprezando as iras vingadoras
Do céu, estende o braço resoluto
E colhe o belo, rubicundo fruto
De estranho cheiro e formas tentadoras.*

*Nas mãos o preme e, quando o vai partindo,
Se lhe esguicha da polpa sumarenta
O róseo mosto sobre o seio lindo.*

*E em cada poma fica-lhe estampado
Um vivo timbre dessa cor sangrenta,
Como as insígnias rubras do pecado.*

CAMPESINA

*Uns aromas sutis na veiga espalha
A mansa brisa. Suga a loira abelha
O lindo cálix de uma cor vermelha
Que o puro rócio matutino orvalha.*

*O vento sul do bosque o coma esgalha
E o frio lago azul a sombra espalha;
Triste e saudosa muge a branca ovelha
Cujo cincerro finos sons chocalha.*

*Loura matuta vem buscando a trilha
Da fonte — um fio d'água que marulha
Trazendo aos curvos ombros grande bilha.*

*Em pleno viço a mata escura abrolha;
Se o vento ali perpassa em doce bulha,
Treme um pingo de luz em cada folha.*

O PALHAÇO

*Ontem, viu-se-lhe em casa a esposa morta
E a filhinha mais nova tão doente!...
Hoje o empresário vem bater-lhe à porta,
Que a platéia o reclama impaciente...*

*No palco em breve surge... Pouco importa
O seu pesar àquela estranha gente...
E ao som das ovações que os ares corta
Trejeita e canta e ri nervosamente.*

*Aos aplausos da turba ele trabalha,
Para esconder no manto em que se embuça
A cruciante angústia que o retalha.*

*No entanto, a dor cruel mais se lhe aguça,
E, enquanto o lábio, trêmulo, gargalha,
Dentro do peito o coração soluça.*

CONFIDÊNCIA

*Eu fui contar chorando as minhas penas
Ao velho mar: e as ondas buliçosas,
Supondo que eu diria essas pequenas
Mágoas comuns, ou queixas amorosas,*

*Não quiseram cessar as cantilenas
Que entoavam nas praias arenosas;
Mas pouco a pouco, imóveis e serenas,
Quedaram todas por me ouvir ansiosas.*

*E, terminada a narração de tudo,
Mostrou-se o mar — pois nunca tinha ouvido
História igual, sombrio e carrancudo.*

*Depois rolando as gemedoras águas,
Pôs-se a chorar também, compadecido
Das minhas fundas, dolorosas mágoas.*

A MORTE DO JANGADEIRO

*Ao sopro do terral abrindo a vela,
Na esteira azul das águas arrastada,
Segue veloz a intrépida jangada
Entre os uivos do mar que se encapela.*

*Prudente, o jangadeiro se acautela
Contra os mil acidentes da jornada;
Fazem-lhe, entanto, guerra encarniçada
O vento, a chuva, os raios, a procela.*

*Súbito, um raio o prostra e, furioso,
Da jangada o despeja n'água escura;
E, em brancos véus de espuma, o desditoso.*

*Envolve e traga a onda intumescida,
Dando-lhe, assim, mortalha e sepultura
O mesmo mar que o pão lhe dera em vida.*

(Dolor Barreira. *Op. cit.*, t. 2, pp. 61-2; Sales Campos, *Op. cit.*, pp. 26; 30; 33; Dolor Barreira, *Op. cit.*, p. 252; Dinorá Tomás Ramos. *Padre Antônio Tomás — Príncipe dos Poetas Cearenses*. Fortaleza, Tip. Aragão, 2.^a ed., 1958, pp. 109; Sales Campos, *Op. cit.*, p. 26; *Antologia Cearense*. Fortaleza, 1957, p. 59.)

Baseamo-nos em Dolor Barreira (*História da Literatura Cearense*, vol. 2), para apresentar os poemas em ordem cronológica. Embora nascido no mesmo ano em que nasceram Antônio Sales, Lopes Filho, Álvaro Martins e vários outros poetas, somente a partir de 1901 começou o Padre Antônio Tomás a dar publicidade a seus escritos, a maioria dos quais surgiu no jornal *A República*. Dessa época é "Invictus", que denota, principalmente no segundo quarteto, certa presença de Classicismo (pelo menos muito mais do que Romantismo, que será a nota predominante de seu estro); é um dos muitos poemas religiosos que deixou. "Contraste", também do início do século, é seu mais famoso poema e um dos mais bem construídos: nele se reflete uma filosofia mais realista do que propriamente pessimista, visto ser a esperança, na verdade, mais comum entre os jovens, *i. e.*, aos menos experientes. Esse soneto consta de várias antologias nacionais. Pela tristeza que o envolve, com a morte como tema, "No Enterro de um Anjinho", como inúmeras outras composições do poeta, segue os cânones românticos (por isso houve quem acusasse o Padre Antônio Tomás de estar, quanto à plástica do verso, "uns cinqüenta anos do passado").⁴⁹ Entretanto, "Eva", que é de 1906 (o anterior é de 1903), foge da linha geralmente seguida pelo poeta e, pelos encadeamentos, assim como pelo

descritivo da cena, onde não penetra a participação do autor, mais se aproxima da arte parnasiana. É um poema de fundo religioso, mas de concepção ousada e de linguagem altamente significativa. Já "Campesina", da mesma época, ostenta dicção e vocabulário mais ou menos românticos, mas lembra, pela descrição, alguns cromos do nosso Realismo. As rimas traem um requinte caro aos simbolistas, pois são em *alha, elha, ilha olha e ulha*, o que indica ser o poeta, apesar de espontâneo, capaz de trabalhar o verso com esmero. O tema de "O Palhaço" é há muito um lugar-comum; entretanto, o poeta soube dar-lhe tratamento artístico e, acima de tudo, atingir o leitor, razão da grande popularidade desse soneto: numa leitura redimensionada, podemos ver aí não somente a angústia do palhaço, mas a de todos quantos, em dado momento, são obrigados a mascarar suas mágoas. Encerramos as transcrições com dois poemas onde surge o mar (reminiscência talvez de sua infância no Acaraú): "Confidência" era o seu poema preferido, conforme depoimento de sua sobrinha, D. Dinorá Tomás Ramos, que adianta: "Quando instado a recitar quaisquer dos seus versos, sempre o escolhia." ⁵⁰ O derradeiro, além da cor local, mostra-nos uma das características do poeta, visível em "Contraste", "O Palhaço" e diversos outros: a contemplação filosófica da existência, através de antíteses. ⁵¹ O Padre Antônio Tomás, através de uns dez ou vinte sonetos que deixou (escreveu para mais de 100), merece lugar do maior destaque entre os cultores desse poema de forma fixa, não somente no Ceará, mas no Brasil, em todos os tempos.

EURICO FACÓ

EURICO de Queirós FACÓ — Nasceu em Beberibe, no dia 13 de abril de 1879, e faleceu no Rio de Janeiro, em 12 de agosto de 1941. Depois de tentar a carreira militar, ingressou na Faculdade de Direito do Ceará, cujo curso iria concluir no Rio. Conta-se que uma de suas provas foi redigida em versos; participou do Centro Literário em sua última fase. Colaborou ati-

vamente na imprensa, chegando a manter uma secção no jornal *A República*, intitulada "Zig-Zag". Publicou: *Poemetos* (1900) e *Pingos d' Agua* (1918), deixando inéditos vários outros livros de poesia, entre os quais os *Pingos de chumbo*, versos satíricos. Era filho do poeta romântico José Facó.

ENGANOS

*Eu disse: Eu morro! — Espero! Ela me disse
Quando a sorte cruel nos separou.
Parti. Voltei anos depois... Alice
Mostrou-me seu marido... Que tolice!
Nem eu morri, nem ela me esperou.*

A TUA VOZ

*Quando a tua garganta a meiga voz desata,
Cala-se extasiado o sabiá da mata.*

RÉSTIAS DE SOL

I

*Teresa, ingênua criança, haver supunha
Colhido a cobiçada
Réstia de sol e, abrindo as mãos, pasmada,
Da luz a negra ausência testemunha.*

II

*Homem refeito, Acácio quis, à viva
Força, prender Estela,
— Sem saber que a mulher é como aquela,
É como aquela réstia fugitiva.*